



Joel Neto*

Se tens um jardim e uma biblioteca

A ideia podia ser a de brincar aos régulos tribais

«A escola secundária está formatada para a obtenção de notas para o acesso a universidade, ignorando tudo o resto. Educação por competências, nem pensar. Os alunos aprendem muito menos do que podiam, porque se concentram escolasticamente nas notas. E o resultado é esse que conhecemos: um número infinito de pessoas com o secundário completo – muitas até licenciadas – que são pouco mais do que analfabetas (se tanto)»

1. OS AÇORES. O imarcescível José Pacheco trata agora de referir-se aos açorianos como «o meu povo». A ideia podia ser a de brincar aos régulos tribais, como é expectável da parte do inefável Chega, mas ocorre mais do que isso. Na sua fascinante cabeça, Pacheco é um grande líder, um estadista incontornável, até um profeta.

A última e encantadora ideia é a de devolver os símbolos católicos – imagino que o crucifixo e o terço – às salas de aula. Na sua fascinante cabeça, se andarmos 50 anos para trás talvez lhe seja possível, a seguir, fazer-nos andar o resto. Está esquecido de que Portugal é um país laico, como, aliás, o seu partido costuma esquecer-se de que Portugal é um país democrático.

É claro: dava-lhes mais jeito, a ele e ao partido, se voltássemos a ser uma região – e um país, e um mundo – hiper-religioso. Conseguissem reinstalar esse temor e essa submissão, e talvez lhes fosse mais fácil instaurar, depois, a ditadurazinha bafienta e triste com que sonham. Infelizmente para eles, temos uma Constituição. Infelizmente para eles, somos um país moderno e evoluído

Tudo isto já me deu vontade de chorar. Agora, já só me dá vontade de rir.

2. O PAÍS. Mas há mais do que inefável quadrante. Quando li as gordas da entrevista de André Ventura à Lusa, essa em que ele supostamente teria defendido os casamentos entre pessoas do mesmo sexo, preparei-me para elogiá-lo. Para elogiá-lo e para lhe chamar à atenção ao mesmo tempo

la dizer: ainda bem que está do lado certo da história. Mas veja bem: quando criamos um monstro, ele agiganta-se. O senhor criou o monstro que são os seus seguidores, e agora o monstro já o ultrapassou.

Afinal, Ventura já veio esclarecer a situação. Não concorda de facto com casamentos entre pessoas do mesmo sexo – mesmo sendo o casamento um contrato civil e Portugal (repito) um país laico. Na verdade, apenas concorda com a união civil entre essas pessoas.

Evidentemente, podíamos perguntar: qual é a diferença, exactamente? Mas não importa. O que Ventura quer é não perder a embalagem que os ódios lhe dão. E, portanto, quando está a beirinha de parecer um pouco menos monstruoso, faz questão de parecer ainda mais monstruoso do que dantes se pensava.

É uma espécie curiosa de eleitoralismo. Isto é: uma pessoa que, para ganhar votos, quer parecer ainda pior do que aquilo que é.

3. O MUNDO. Eu não sei se a ameaça nuclear de Lavrov, que aliás se limita a repetir as palavras de Putin, é para valer. O que sei é que vamos ouvi-la de novo nos próximos dias.

Putin esperava poder anunciar a vitória na guerra a 9 de Maio, um dia mítico para a vitória sobre o nazismo. Evidentemente, já não vai poder anunciá-la. A guerra vai ser longa e, aliás, ainda pode ser perdida. Por isso mesmo – em parte – se estenderá: porque, de repente, a Rússia pode perder, o que junta os Estados Unidos e a própria Europa ao leque dos que, no fundo, desejam que continue por mais algum tempo, a ver no que dá.

Portanto, só lhe resta ameaçar com a guerra nuclear. E a nós esperar

que não seja a sério: seria o fim do mundo como o conhecemos. Mas, com as coisas a correr tão mal à Rússia, não é realmente de afastar. Um homem desesperado é um homem mais perigoso ainda, e Putin está à beira do desespero.

4. O PAÍS. Ainda não é este ano, mas o Governo diz-se empenhado na promessa de mudar as regras de acesso ao ensino superior. E eu junto-me ao aplauso generalizado

A escola secundária está formatada para a obtenção de notas para o acesso a universidade, ignorando tudo o resto. Educação por competências, nem pensar. Os alunos aprendem muito menos do que podiam, porque se concentram escolasticamente nas notas. E o resultado é esse que conhecemos: um número infinito de pessoas com o secundário completo – muitas até licenciadas – que são pouco mais do que analfabetas (se tanto).

Fosse Antero de Quental vivo, e haveria de voltar a proclamar a Questão do Bom Senso e do Bom Gosto contra o Padre Feliciano de Castilho em vigência. Mas nem a ele, que conheceu aquela Coimbra e aquele Portugal, deixaria de chocar a quantidade de iletrados com canudo existentes por todo o país.

A retorcida vantagem dos Açores, no que diz respeito a esta formulação, é que muitos dos nossos nem canudos têm. Aqui vai o meu aplauso, portanto, para o compromisso do Governo Regional para com o acompanhamento dos estudantes que deixam o 12º ano. Como para todas as medidas que combatam o insucesso e o abandono escolar, ou pelo menos mitiguem os seus efeitos.

Deixem-me repeti-lo: os Açores têm o triplo do abandono escolar nacional e a maior taxa de abandono escolar da Europa. É um absurdo. E, enquanto não combatermos esses números, continuaremos a caminho de lado nenhum. Portanto, uma vénia à secretária regional Sofia Ribeiro, um dos melhores activos deste Governo – desde o primeiro dia.

5. OS AÇORES. Há alguns meses, critiquei a decisão da Câmara Municipal da Ribeira Grande de homenagear Daniel de Sá com a inauguração de uma rua da Maia onde, no entanto, fora posta a placa errada. A homenagem era justíssima, evidentemente. Mas, em vez da designação «Daniel de Sá, Escritor», o que a placa dizia era: «Rua Professor Daniel Augusto Raposo Sá». Não só não iluminava aquilo em que Daniel de Sá mais se tinha distinguido, mas inclusive enganava-se no nome do homenageado (que tem um «de» antes de «Sá»).

E o que fez a Câmara Municipal da Ribeira Grande? Emendou a mão. Ela e a Junta de Freguesia da Maia, onde a homenagem era prestada. Desde o último fim-de-semana que está lá uma nova placa. Diz: «Rua Professor Daniel de Sá, Escritor», e diz bem. Sinal de humildade e de inteligência por parte da Câmara Municipal e da Junta de Freguesia – um gesto muito raro nos Açores e, aliás, na política em geral. Tiro-lhes o meu chapéu.

*Escritor e membro do programa da RTP Açores Novo Normal (quartas e quintas-feiras à noite)